



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### IMPrensa GAY COMO FONTE E OBJETO DE ANÁLISE HISTÓRICA E AS SEXUALIDADES CONTRA-HEGEMÔNICAS NO BRASIL (1978-1981)

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso

*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – [vmariusso@hotmail.com](mailto:vmariusso@hotmail.com)*

**Resumo:** O nosso objetivo por meio deste trabalho é analisar a importância do uso de periódicos como fonte e/ou objeto de análise histórica, uma vez que eles são capazes de criar sentidos de realidade que se disseminam nas culturas. Para isso, trazemos como fonte/objeto de análise o jornal *Lampião da Esquina*, fundado em abril de 1978 e o primeiro a circular em âmbito nacional no que diz respeito à imprensa gay. Desta forma, analisaremos como ele constrói as representações sobre as sexualidades contra-hegemônicas no período de sua existência (1978-1981), para que possamos perceber as práticas daquele período no que tange ao tratamento dado aos sujeitos que se comportam fora da norma heterossexual vigente. A motivação para tal trabalho parte do incomodo de perceber que a imprensa gay atual está despreocupada com os assuntos que se referem à exclusão ou repressão desses sujeitos, e não só, mas também pelo fato de a sociedade brasileira ser capaz de assassinar um homossexual a cada 26 horas no país, fazendo nos perguntar qual seria o papel social da imprensa gay em relação a esse assunto. Tomar uma fonte como objeto, ainda mais sendo ela um meio de comunicação da imprensa, deve-se partir da premissa que ela não se constitui abstratamente, a imprensa seja qual for, é constituída por pessoas e interesses, e que cabe ao pesquisador ao analisa-la, observar a lógica dos discursos e esses interesses. Pretendemos assim dialogar entre o exame de um periódico e o que suas representações podem gerar para uma ou várias épocas.

**Palavras-chave:** Mídia Impressa; Representações; *Lampião da Esquina*.

#### ***De imprensa e história.***

Antes de apresentarmos o periódico *Lampião da Esquina*, é preciso para compor os objetivos, uma introdução do uso de periódicos como fonte e/ou objeto de análise histórica. Algumas reflexões serão expostas aqui em diálogo com autores que contribuem para questões ligadas à imprensa e as representações que elas podem produzir, uma vez que a percebemos como ferramenta voltada de intenções e formas com as quais os emissores dessas mensagens midiáticas, produzem por meio do discurso, opiniões e pensamentos que serão responsáveis por construir sentidos de realidade ao receptor. De antemão, é preciso romper com a ideia imprensa como objetiva, neutra e abstrata. Ou seja, um periódico, por exemplo, como é o caso



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

aqui, constrói e reproduz representações sobre determinada conjuntura e sujeitos, e cabe ao pesquisador/historiador analisar essas construções, uma vez que elas existem e surgem por meio de pensamentos individuais ou de determinados grupos.

O conceito de representação, trazido por Roger Chartier, como uma realidade pensada, dada, constituída, capaz de produzir um sentido ao sujeito, além de ajudar a perceber as práticas de um período/sociedade, contribuí para a história se distanciar das abordagens ditas positivistas, passando agora para os estudos daquilo que nem sempre “se vê”, mas que está inserido na sociedade por meio dos discursos e práticas.<sup>1</sup>

Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade.<sup>2</sup>

A análise da história por meio de fontes que sejam da imprensa é algo consideravelmente novo nos estudos historiográficos. Ao se distanciar dessas fontes por não perceberem as suas complexidades e nem sua constituição com o social, alguns pesquisadores a marginalizam, porém, a partir do final dos anos 1970 e início dos 1980 novos objetos e fontes apareceriam e diversificariam o campo histórico. Dentre essas novidades, a mídia, esse “sistema cultural complexo que possui uma dimensão simbólica, que compreende a (re)construção, o armazenamento, reprodução e circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produz como para os que consomem”,<sup>3</sup> passa a ser analisada e indagada quanto a sua função na sociedade. Trata-se de entender a imprensa:

Como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p.18.

<sup>2</sup> IDEM, IBIDEM, p. 73.

<sup>3</sup> MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva”. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 243-271, p. 244.

<sup>4</sup> CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, 2007, p.258.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Por isso, a necessidade do historiador entender e compreender a estrutura e a dinâmica do universo midiático sócio e historicamente, sem perder de vista “a relação tempo e espaço, e igualmente cuide dos esquemas de percepção e avaliação e de ação social próprio do conjunto dos agentes integrados a veículos de comunicação social e da mídia como um todo”.<sup>5</sup>

### *O Lampião da Esquina e as sexualidades contra-hegemônicas*

O primeiro periódico da chamada imprensa gay a circular a nível nacional no Brasil, o *Lampião da Esquina*, surgiria em 1978, no eixo Rio-São Paulo, sobrevivendo até o meio do ano de 1981. Antes disso, outros pequenos periódicos mimeografados, feitos à mão, *xerocopiados*, e com curta duração ou para pequenos grupos de pessoas, circularam no país a partir dos anos 1963 como o *Snob*, por exemplo, quiçá o primeiro periódico gay a circular no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro e publicado até 1969.

A conjuntura que marcava o país no ano da publicação do primeiro número do *Lampião da Esquina*, era a do declínio da ditadura militar, e de uma possível abertura política. Após quatorze anos do golpe militar, o presidente Ernesto Geisel (1974-1979), o quarto a assumir o poder após, prometia um período com novos ares e menos repressivos. Havia a pretensão em se instalar a abertura política de forma lenta, gradual e irrestrita, e, que seria levada adiante com o mandato do presidente João Baptista Figueiredo (1979-1985), quinto e último presidente da era militar no Brasil. Revogava-se AI-5<sup>6</sup>, a censura foi suspensa (em tese) e decretava-se a anistia aos presos políticos.

A ideia para a construção de um jornal feito por e para homossexuais no Brasil, surgiu da tentativa de uma antologia de literatura homossexual na América Latina, por parte do diretor da revista *Gay Sunshine* (São Francisco, Califórnia), Winston Leyland. Ao vir para o Brasil em 1977, Leyland com a ajuda do advogado e ativista João Antônio Mascarenhas, se reúne com alguns escritores, jornalistas e intelectuais da época, no apartamento do artista plástico Darcy Penteado, no qual surge a ideia para o jornal, deixando a antologia para trás. Essas pessoas formariam o editorial número zero do *Lampião* (nome adotado nessa edição

---

<sup>5</sup> Busetto, Áureo. A mídia como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: Sebrían, Raphael Nunes Nicolletti (Org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008, p. 16.

<sup>6</sup> O presidente da república poderia com o AI-5 fechar desde câmaras de vereadores até o próprio congresso nacional; nomear interventores para qualquer cargo executivo; cassar os direitos políticos de qualquer cidadão; e também suspender o recurso a *habeas-corpus*.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

experimental). Seriam eles: João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva (diretor de edição), Adão Acosta, Antônio Chrysóstomo, Jean-Claude Bernadet, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Peter Fry, Darcy Penteado, João Antônio Mascarenhas e Gasparino Damata.

O periódico se assumiu a falar sobre negros, mulheres, índios, lésbicas, travestis, prostitutas, *michês* e homossexuais. Desta forma, expôs por meio de suas reportagens críticas diretas ao sistema opressor da época, vindo de diversos discursos da sociedade, como o médico, o religioso e do próprio Estado, que acaba por reiterar ambos. *Lampião da Esquina* deu aos homossexuais, por exemplo, uma visibilidade positiva e não o tratando como um *perverso*, como era, e é tratado na sociedade Brasileira, fruto de uma construção histórica e cultural sobre os corpos, em busca de um controle sobre os mesmos.

O período que se dizia menos repressivo, não apareceu assim pelo menos nas páginas do jornal. No que tange as homossexualidades, é possível perceber por meio do *Lampião da Esquina*, que a sociedade estava preocupado em eliminar aqueles que se comportavam fora das normas e regras da sexualidade (heteronormatividade). Assim, pretendemos analisar como são construídas as representações sobre as sexualidades contra-hegemônicas no período de sua existência (1978-1981), para que possamos perceber a conjuntura e as práticas daquele período no que tange ao tratamento dado aos sujeitos que se comportam fora da norma heterossexual vigente.

Partimos do presente, incomodados de perceber que a imprensa gay atual está despreocupada com assuntos que se referem à exclusão ou repressão dessas pessoas, bem como com os assassinatos contra os sujeitos que não se adequam as normas impostas, fazendo com que retornemos a uma imprensa que trabalhará essas questões, contribuindo com a historicização da repressão contra os sujeitos no Brasil, bem como para análise da história por meio de periódicos. Desta forma, no *Lampião da Esquina* é possível perceber a maneira como as sexualidades contra-hegemônicas eram tratadas, e, além disso, o tratamento por meio da imprensa e sociedade da época.

O *Lampião* representa uma imprensa alternativa da época, não só pelo os assuntos a serem tratados em suas páginas, mas também em relação ao seu comportamento em relação



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ao poder hegemônico. Ele acaba por representar as sexualidades fora dessa hegemonia (heterossexual) e se coloca como uma ferramenta alternativa as falas da imprensa da época. Ou seja, significou não só o oferecimento de um modo de vida e de desejo alternativo, mas, sobretudo, que “é possível questionar estruturalmente essa sociedade naquilo que ela constrói de exclusão e desigualdade baseado na forma como as pessoas sentem, desejam, se fazem ver e notar”.<sup>7</sup>

Como destaca Raymond Williams, ao emprestar o conceito de Gramsci, a hegemonia vai além da cultura, em sua insistência em relacionar “todo o processo social” com distribuições específicas de poder e influência.<sup>8</sup> Além disso, essa cultura hegemônica pode se apresentar de forma alternativa na sociedade, apresentando-nos o que poderíamos chamar de *cultura alternativa*, em que qualquer processo hegemônico tem de ser visto como mais do que a simples transmissão de um domínio (inalterável). Pelo contrário:

Qualquer processo hegemônico deve ser especialmente alerta e sensível às alternativas e oposição que lhe questionam ou ameaçam o domínio. A realidade do processo cultural deve, portanto, incluir sempre os esforços e contribuições daqueles que estão, de uma forma ou de outra, fora, ou nas margens, dos termos da hegemonia específica.<sup>9</sup>

Essa oposição pode ser vista em algumas reportagens no *Lampião da Esquina*. Destacaremos algumas. Após um ano de circulação e devido ao período que o Brasil passava, alguns movimentos começaram a surgir e outros a ressurgirem. No que tange o movimento de afirmação homossexual no país (nome usado na época), *Lampião* foi propulsor do mesmo. Por volta de seis meses após a fundação do jornal, um de seus editores, João Silvério Trevisan, iria fundar o primeiro grupo conhecido na bibliografia brasileira, o *Grupo Somos-SP*.

O jornal não possibilitava o surgimento desse movimento apenas por isso, mas por expor que era possível falar sobre um assunto que tanto incomodava os ouvidos dos mais conservadores. Enquanto alguns entendiam a causa como uma *luta menor*, em consideração as preocupações *maiores*, o jornal se posicionava indo em busca do direito ao gozo, expondo

<sup>7</sup> COSTA, Valmir. Sexo lacrado: o controle político no jornalismo erótico (1964-82). Projeto História, São Paulo, n.35, p. 241-252, 2007.

<sup>8</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111.

<sup>9</sup> IDEM, IBIDEM, p.116.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

para a sociedade da época de que não havia um luta menor ou maior, mas sim desejos barrados em nome de uma moral repressiva capaz de eliminar sujeitos em nome de uma possível norma.

O início dos anos de 1979 é marcado pela organização desse movimento, e não só, pela exposição do pensamento de alguns editores do jornal sobre o assunto. Em março do mesmo ano, três matérias saíram a respeito desse novo momento que ali se passava. E as indagações se conduziam no mesmo sentido. Tratava-se de pela primeira vez no Brasil de lésbicas e homossexuais tomarem seu espaço e vomitarem coisas há muito engasgadas; o prazer, por exemplo, foi reivindicado entre os direitos da pessoa humana, com alusões concretas inclusive ao prazer anal, como direito de cada um sobre o próprio corpo.

Sobre as sexualidades contra-hegemônicas e o tratamento dado a elas destaquemos algumas reportagens. Serão elas: o caso de um assassinato contra um homossexual (masculino), pensando aqui a violência que elimina o sujeito. A repressão sofrida por uma travesti e por uma lésbica, entendendo como uma *violência invisível* ou *simbólica*, no sentido de quase não ser percebida, por não estar associada aos assassinatos e agressões físicas diretamente. Esses casos serão relacionados ao tratamento das outras imprensas sobre os mesmos. Assim perceberemos como o jornal representa as sexualidades e o tratamento dado a elas no período e sociedade proposta, o que contribui para analisarmos algumas manutenções e rupturas no que diz respeito a essa violência, as sexualidades, e a imprensa como ferramenta que pode reiterar ou não essa repressão.

O assassinato de Luís, mais conhecido como Luisa Felpuda, dono de uma casa onde homens se encontravam em busca de sexo e no qual alguns *michês* trabalhavam, deu-se na noite de 29 para 30 de abril de 1980. Jairo, *michê* de profissão e que trabalhava na casa de Felpuda, seria o responsável. Ao receber uma cantada, segundo ele, fez seu preço e transaram. Após isso, Jairo teria começado a saquear anel, relógios, dinheiros, etc. Ao se flagrado deu um golpe de enxada em Luisa Felpuda e em seu irmão com deficiência mental. Os jornais da região não pouparam preconceito e sensacionalismo ao colocarem em suas manchetes “o assassinato dos irmãos homossexuais”.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em todas as suas declarações Jairo enfatizou sua masculinidade. Que trabalhar na casa de Felpuda, ou na “Mansão da Tia Velha” era bom, porém sentia nojo ao transar com homossexuais.<sup>10</sup> A grande imprensa, o rádio e a TV gaúchos, se comportaram como se era de imaginar, sensacionalistas e difamatórios, além de darem honras de herói ao michê. Os homossexuais foram apontados como criminosos potenciais, de altíssima periculosidade social, merecendo prisão e/ou tratamento psiquiátrico. Não muito diferente do tratamento dado a eles na imprensa atual<sup>11</sup>. Não muito diferente também era esse olhar da justiça e da imprensa sobre as lésbicas. Vejamos o exemplo de Ninuccia Bianchi uma secretária de 29 anos que teria sido acusada de matar sua companheira Vânia da Silva Batista.

“Processo de Nino, o italianinho”, era assim que em maio de 1979, no IV Tribunal do Júri no Rio, em dois dias, é concluído o sumário de culpa do chamado Nino, no caso, Ninuccia Bianchi. No processo, não existia a menor evidência de que ela tivesse empurrado sua companheira do prédio em que moravam. Ela acompanhou as duas sessões no tribunal e pôde perceber claramente que todo um clima estava sendo montado para que, ao final do processo, ela fosse condenada. Se não por homicídio, pelo menos por sua condição de lésbica.<sup>12</sup> O preconceito e a tentativa de relacionar a sua homossexualidade ao crime não deram certos e não tinha como o caso ir para frente e Ninuccia foi absolvida. “Mais motivo para a imprensa demonstrar sua má-fé; ‘absolvido o amor entre mulheres’; – foi a manchete de um jornal carioca. Mas, embora possa haver apelação, Ninuccia está segura do veredicto final”.<sup>13</sup>

As travestis também foram expostas como vítima de atos de violência, se tornando figuras representativas no jornal, não faltando reportagens que tratassem de momentos de exclusão e repressão por parte da sociedade brasileira. É o caso da travesti Veruskha. Moradora do Edifício Canindé, na Rua Washington Luís, no bairro carioca de Fátima. Tudo estaria tudo bem nas vivências daquele prédio, senão não fosse a eleição de um novo síndico, que veio a alterar o precário equilíbrio no qual seus moradores conviviam. Gérson Correia era

---

<sup>10</sup> CARNEIRO, João. A morte de “Luisa Felpuda”. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 4.

<sup>11</sup> Neste mesmo número o *Lampião da Esquina* apresentaria mais dois assassinatos. É interessante pensar que o jornal buscava expor essas mortes em diversas cidades do país também. As dificuldades em ter essas informações na época são as mesmas dos dias de hoje, uma vez que só é possível fazer o levantamento ou análise desses crimes por meio de notícias, já que pouco se vê denúncias ou boletins de ocorrência sobre esses casos, sempre tratados apenas como homicídios e quase nunca como um crime contra o homossexual. Cf. CARNEIRO, João. A morte de “Bamba” assassinado. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 5.

<sup>12</sup>SILVA, Aguinaldo. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 8.

<sup>13</sup>MICCOLIS, Leila. Ninuccia Biachi, depois da absolvição. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 6.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sargento da Marinha, solteiro e adepto fiel da teoria de que homem, para ser homem, tinha que falar muito alto e fazer gestos largos, tomou posse no cargo e imediatamente baixou uma série de proibições, algumas arbitrárias e ilegais, dentre elas algumas destinadas a moradores específicos, que nem sequer foram redigidas, mas sim pronunciadas por ele em tom enfático, como aquela que destinou a travesti Verushka. A partir de sua posse como síndico ela só poderia continuar usando o elevador social do prédio se trocasse suas vestimentas por roupas “estritamente masculinas”<sup>14</sup>.

Ao criticarem os poderes judiciais e policiais, a equipe redatora do jornal se mostrava muito bem informada. Não só contava com a coordenação editorial de Aguinaldo Silva, então conceituadíssimo repórter policial, mas também com a experiência própria dos membros do Conselho Editorial. Esses foram submetidos a inúmeros vexames durante o inquérito sofrido pelo jornal promovido pelo Departamento de Polícia Federal do Rio de Janeiro que pensava em enquadrá-los por ofensas à moral e ao pudor público. O *Lampião* desempenharia também papel importante na campanha dos grupos homossexuais, feministas e negros de São Paulo contra a Operação Rondão do Delegado Richetti, que pretendia retirar os homossexuais de seus pontos de encontro nas calçadas de certas ruas do centro da cidade<sup>15</sup>.

### *Por fim... Arrancando silêncios ou construindo vozes?*

É necessário compreender – a respeito da mídia e de outros documentos não oficiais como fonte e objeto – que houve um tempo de questionamentos na historiografia, e isso fez com que todas as grandes tradições historiográficas perdessem sua unidade, todas se fragmentassem em propostas diversas, frequentemente contraditórias, que multiplicaram os objetos, os métodos, as “histórias”, assim “pelas escolhas que faz e pelas relações que estabelece, o historiador atribui um sentido inédito às palavras que arranca do silêncio dos arquivos”<sup>16</sup>.

Percebemos que para além de arrancar sentidos inéditos por meio das palavras que se retiram dos arquivos, os periódicos podem servir de visibilidade para determinados grupos da sociedade. A maneira como o *Lampião da Esquina* se apresenta contribui para observar a

<sup>14</sup> SILVA, Aguinaldo. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 3. Ver também: TREVISAN, João Silvério. E o direito de ir e vir? *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p.9. (caso da travesti Kioko, que passou uma semana na cadeia, sem que ao menos pudesse ser acusada de vadiagem (era costureiro por profissão).

<sup>15</sup> MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 76.

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: Op. cit., p. 8 e 9.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mídia para além de uma ferramenta de informação, mas como também constituinte de um grupo. As análises sobre esse tipo de fonte tornam-se essenciais, “já que os documentos não são mais considerados somente eles informações que fornecem, mas são também estudado em si mesmo, em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas”.<sup>17</sup>

São essas categorias de pensamento e esses princípios de escritura que se deve, portanto, fazer sobressair previamente a toda leitura “positiva” do documento. O real assume assim um novo sentido: o que é real, de fato, não é somente a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a visa, na historicidade de sua produção e na estratégia de sua escritura.<sup>18</sup>

Desta forma, imaginar a imprensa como objetiva, unívoca, que narra o fato como aconteceu poderia nos levar a uma falésia, pois devemos lembrar como aponta Roger Chartier, que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou a ouvir) e que “não há compreensão de um escrito, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor. [...] aqueles que dizem respeito às estratégias de escritura e as intenções do autor, aqueles que resultam de uma decisão de editor ou de uma imposição de oficina”.<sup>19</sup> Raymond Williams ao enfatizar a complexidade de sua concepção de hegemonia compreendida no sentido de um conjunto de significados e valores vividos como prática concreta e pautado por tensões, transformações e acomodações entre cultura dominante e o que ele denomina residuais e emergentes, contribui para percebermos o local e o papel que ocupava o próprio *Lampião da Esquina* e os homossexuais na sociedade brasileira da época.

A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de “ideologia”, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como “manipulação” ou “doutrinação”. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas parecem confirma-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se na maioria das áreas de sua vida.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 13.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 56.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 71.

<sup>20</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Op. cit., p. 113.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Podemos imaginar então o lugar que os homossexuais se encontram hoje na sociedade brasileira, e talvez, principalmente por uma cultura dominante ter criado a imagem que quis do ser que se relaciona com o do mesmo sexo, no intuito de estabelecerem e manterem as normas e as regras sobre a sexualidade, dando um sentido de realidade naturalizante a ela. Duas questões devem ser levadas em conta nesse sentido, primeiro que em certos usos a tendência totalizadora do conceito, que é significativa e na verdade crucial, “é transformada numa totalização abstrata, forma em que se torna facilmente compatível com os sentidos sofisticados de superestrutura e até mesmo de ideologia. Isto é, a hegemonia pode ser considerada como mais uniforme, mais estática e mais abstrata do que na prática, se for realmente compreendida”<sup>21</sup>, segundo que “nenhum modo de produção e portanto nenhuma ordem social dominante e portanto nenhuma cultura dominante, nunca, na realidade, inclui ou esgota toda a prática humana, toda a energia humana e toda a intenção humana.”<sup>22</sup>

Qualquer processo de socialização inclui, é claro, coisas que todos os seres humanos têm de apreender, mas qualquer processo específico une esse aprendizado necessário a uma variação selecionada de significados, valores e práticas, que, na intensidade mesma de sua associação com o aprendizado necessário, constitui a base real do hegemônico.<sup>23</sup>

Deste modo, perceber os homossexuais como alternativos ou em oposição a essa cultura heterossexual dominante é algo ligado a um âmbito muito mais restrito, uma vez que há uma distinção teórica simples entre alternativo e de oposição, “quer dizer, entre alguém que encontra um modo de vida diferente e não quer ser perturbado, ou alguém que encontra um modo de vida diferente e quer mudar a sociedade a partir de sua experiência”.<sup>24</sup> Assim, é importante frisar que a imprensa atua sob normas e condições que expressam uma determinada correlação de forças com as quais interage de forma ativa, como espaço privilegiado de poder e mobilização da opinião pública<sup>25</sup>. As perspectivas, teóricas e política, “que nos situam no tempo histórico do presente, têm como horizonte a crítica às versões

---

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*, p. 115.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 128

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 120.

<sup>24</sup> Cf. WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*, n.65, São Paulo, 2005, p. 210-224.

<sup>25</sup> CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, 2007, p. 267 e 268.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

autorizadas e o desafio de trazer à cena histórica a articulação de *outras histórias* que encontram nesse campo da imprensa espaço privilegiado para sua construção”.<sup>26</sup>

A tarefa da história não é, pois, recuperar o passado tal como ele se deu, mas interpretá-lo. A partir dos sinais que chegam até o presente, cabe tentar compreender a mensagem produzida no passado dentro de suas próprias teias de significação. São esses vestígios, que aparecem como documentos e como ato memorável (no qual está incluída a memória do próprio narrador/pesquisador), que permitem reconstruir a história da imprensa. [...] Construir história da imprensa é, pois, fazer o mesmo movimento da “escrita da história”. É perceber a história como processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios e identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política.<sup>27</sup>

É assim que pretendemos expor de que forma os periódicos, e aqui no caso, a imprensa gay, pode ser fonte e objeto de diversas análises históricas, capaz de contribuir para a historicidade de uma determinada sociedade, e não só, mas responsável pela construção e manutenção da memória do sujeito, seja ele homossexual ou não, excluído em nome de uma determinada norma construída historicamente, e no qual cabe a nós como intelectuais, indagarmos as suas causas no tempo.

### Documentação

ALÔ, alô classe operária: e o paraíso, nada? *Lampião da Esquina*, n.14, julho de 1979, p. 9.

AUGUSTO, Paulo & FUKUSHIMA, Francisco. Na paulicéia, com olhos de lince e pernas e de avestruz. *Lampião da Esquina*, n. 32 janeiro de 1981, p. 5.

BITTENCOURT, Francisco. Que tem é esse povo que está nas ruas? *Lampião da Esquina*, n.10, março de 1979, p. 7.

\_\_\_\_\_. No Rio e São Paulo, mulheres em assembleia. Contra o mito do sexo frágil, em busca do próprio caminho. *Lampião da Esquina*, n.11, abril de 1979, p. 9.

CARNEIRO, João. Olha o Mão Branca! *Lampião da Esquina*, n. 24 maio de 1980, p. 10.

\_\_\_\_\_. A morte de “Luisa Felpuda”. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 4.

\_\_\_\_\_. A morte de “Bamba” assassinado. *Lampião da Esquina*, n. 25, junho de 1980, p. 5.

<sup>26</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>27</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 13 e 15.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina*, n.10, março de 1979, p. 9.

FERNANDO Gabeira fala, aqui e agora, diretamente dos anos 80. *Lampião da Esquina*, n.18, novembro de 1979, p. 5-8.

MICCOLIS, Leila. Ninuccia Biachi, depois da absolvição. *Lampião da Esquina*, n. 27, agosto de 1980, p. 6.

O pessoal do Somos (um debate). *Lampião da Esquina*, n.16, Setembro de 1979, p.7-9.

QUAL o lugar dos negros no Brasil. *Lampião da Esquina*, n.15, agosto de 1979, p. 10-12.

SILVA, Aguinaldo. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 3.

\_\_\_\_\_. Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica. *Lampião da Esquina*, n. 13, junho de 1979, p. 8.

TREVISAN, João Silvério. E o direito de ir e vir? *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 9.

\_\_\_\_\_. Quem tem medo das minorias? *Lampião da Esquina*, n.10, março de 1979, p. 10.

### Referências:

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BUSETTO, Áureo. A mídia como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicolletti (Org.). *Dimensões da Política na Historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COSTA, Valmir. Sexo lacrado: o controle político no jornalismo erótico (1964-82). *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 241-252, 2007.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, 2007.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva”. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 243-271.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*, n.65, São Paulo, 2005, p. 210-224.